

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, semestre. 500 réis
Avulso 20 »
Para fóra da villa, accresce o porte do correio

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILISAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

A Monarquia dos Adeantamentos

No reinado de D. Carlos, desde 1893 a 1907, gastaram-se com os palacios reaes:—dois mil oitocentos e trinta e nove contos de réis; do que se tem apurado, que não é tudo.

No mesmo reinado, entre outros pavorozissimos saques, em quatro anos (1900-1904), sumiram-se no sordouro das criminozas despesas:—dez mil trezentos e setenta e um conto de réis; revelação de um monarquico, o progressista Francisco José Machado.

Até aqui os milhares de contos desperdiçados com o engrandecimento do poder real e com o lustre da monarquia... Teem agora a palavra... os pronunciamentos pretorianos...

O Marquez de Pombal

Para desanuviar um pouco o espirito dos fumos deletorios e mephiticos, que exhala a politica monarchista, vamos hoje abrir uma clareira de luz e calor tonizante, embecendo-nos na aureola resplandecente, que cerca esse roble gigantesco, que encheu o seu seculo, e cuja obra, moralisadora e fecunda, ainda hoje se desentranha em fructos salutaes, apagando a de certos estadistas de espirito *soi-disant* moderno. Foi colossal a obra do ministro de D. José.

Agora que a camara dos deputados lhe votou o levantamento de uma estatua, é justo evocar a sua memoria, desenterrando da sepultura do esquecimento as grandes e multiplas qualidades, que lhe exornaram a intelligencia e o caracter, mesmo porque *alguem*, reaccionario e odiado, por conta propria ou da *seita*, pretendeu apoucar-lhe os merecimentos, reduzir-lhe a estatua.

Agora que é habitual vermos confundida a tolerante e democratica religião christã com a soberba, dissolvente e obscurantista seita jesuitica, que Elle venceu e esmagou; agora que parece querer voltar-se aos ominosos tempos

do pleno dominio de Loyola, é justo e parece-nos opportuno exhumar para a memoria dos leitores o grande vulto de Pombal não só como preito da Justiça devida, mas principalmente como ensejo de lição a tomar. Não queremos discutir o no dominio da Sentimentalidade, não queremos saber se *tinha pellos no coração*, mesmo porque entendemos que um falso sentimentalismo ou uma exagerada piedade póde fazer deter os homens mais cultos no caminho das grandes emprezas, provocando-lhes o mallogro ou aleijando-as para todo o sempre.

E' muito de apreciar a affectividade no remanso do lar, no ambito restricto da familia, mas transportada para o ministrio da Justiça daria a impunidade e na direcção dos negocios da Fazenda poderia decahir na prodigalidade.

E' nossa convicção que o grande ministro, se tivesse sacrificado mais aos dictames do coração, não se teria alçado a tão alta firmeza de caracter nem a tamanha decisão de vontade.

Não tinha, porém, pellos no coração quem revelou tão grande magnanimidade e tão sublime philantropia na catastrophe de 1755.

A reconstrucção de Lisboa

destruida pelo terremoto é incontestavel penhor da firmeza da sua mão e da effervescente actividade do seu espirito. Não póde considerar-se destituído de coração



quem se apressou a descer ao tablado das ruinas e foi o unico dirigente a participar do geral perigo. E' gigantesca a sua estatua, quando o contemplamos na prodigiosa e calma actividade com que *a tudo* e *a todos* provia. Quando na hora do pavor, em que ninguém atinava com os meios salvadores, o rei lhe perguntou, o que fazer, elle respondeu com a maior tranquillidade: enterrar os mortos e cuidar dos vivos. E não tem alma, quem, como elle, se arremessa intemerato e temerario ao perigo para or-

denar a sepultura aos mortos, levar o allivio aos feridos, o pão aos famintos, o conforto á miseria?!

Só se o *porta-voz* parlamentar da reacção entende, que ter coração é prégear a revolta em nome do céu, é nos transe da afflicção acossar o povo faminto e desvairado contra o rei e seu ministro, attribuindo o violento abalo a castigo de bens, que quer vingar-se do melhor reinante da dynastia e do mais benefico dos estadistas!

N'este caso foi muito *affectuoso* o padre Malagrida, que á frente dos jesuitas se aproveitou da catastrophe para semear a desordem!

Mas acima de todos os interesses da *seita* pairou a Justiça, que, armando o braço de Pombal, o fez descarregar o primeiro e mais formidavel golpe no poderio enorme da Companhia de Jesus. Seria sufficiente titulo de gloria se não abundassem qualidades de destaque.

*
*

O genio de Sebastião de Carvalho foi omnimodamente grande, abrangendo pela sua vastidão e complexidade todos os ramos da administração publica.

Animou a agricultura, fundando a *Companhia do Al-*

to Douro e promovendo a *creação do bicho da seda*, que fez florescer a sua especial industria, hoje completamente desprezada; impulsionou a *pesca*, creando *companhias e juntas*, o que, além de augmentar as subsistencias e evitar a remessa de grandes quantias para o estrangeiro, formou barqueiros e marinhos, favoreceu as industrias, mandando vir de fóra mechanicos e artifices de todas as especialidades e promulgando leis de privilegio, o que em certo modo tendia a contrabalançar as consequencias do funesto tratado de Methwen. O commercio e a navegação, graças ás suas acertadas medidas, elevam-se a uma florescencia só ultrapassada nos tempos aureos das conquistas e descobrimentos, e a marinha militar, que se encontrava em deploravel estado, deve-lhe a restauração. Não menor cuidado deveu ao Marquez a instrucção publica: semeia escolas abundantemente; dá novos estatutos á Universidade; restringe o poder clerical e limita muitissimo os abusos da Inquisição, o que tudo consente á intelligencia mais largos vôos. A Justiça merece-lhe os favores e a lei de 18 de agosto de 1769, a que Mello Freire, abalisadissimo jurisconsulto, chama *«uma verdadeira lei de ouro»* é d'isso um attestado vivo. Mas onde

a energia moral do grande ministro se patenteou a toda a altura do seu valor foi na regularização das finanças, que elle encontrou na mais profunda anarchia e envoltas no mais completo sigillo. Ninguém sabia nem podia saber, era mesmo crime revelar, o importe dos redditos publicos. Pois bem! o nosso heroe não só restaurou as finanças, como regulamentou a thesouraria.

Como devem ser vivas as saudades d'aquelle ministro forte e integro, quando nos vemos ao espelho baço da nossa sciencia orçamentologica! Quem nol-o dera agora cá!

E' a um gigante d'esta estatura que a reacção, que volta a campear infrene, ousa arreganhar a dentuça, recusando-lhe a justiça d'uma estatua, que, ha muito, tarda em attestar ás gerações actuaes a covardia moral, que as tem impedido de cumprir o seu dever!

Eis a traços muito rapidos e incompletos, que mais não cabe nos limites d'um artigo feito para um semanario de formato diminuto, o escorço de Pombal. Que nos releve a sua memoria a deficiencia do quadro.

Philodemo.

ULTIMA VERBA

Em quasi vinte annos de vida politica, tenho conhecido o que a politica reserva de mais duro ao homem. Conheci carceres e reclusões de todo o genero. Estive preso em terra e estive preso no mar. O mar é a suprema liberdade. Eu conheci a incomunicabilidade—no Oceano. De uma das vezes que estes terríveis poderes nacionaes me mandaram para a Africa, dobrei o cabo Espichel dentro do camarote de um navio e fechei a chave. Na cidade do Porto, longos dias contemplei Villa Nova de Gaia e as suas ridentes montanhas através da vigia de um barco de guerra, onde me recolheram e onde me privaram de toda a communicação com a vida exterior. Os calabouços da policia de Lisboa são horriveis antros. Por trez ou quatro tenho passado. Conheci as prisões de duas fortalezas africanas e n'uma d'ellas a de S. Miguel, jazi um anno quasi. A Relação é uma Bastilha. O Limoeiro é a mais immunda de todas as cadeias. Lá estive. Agora mesmo, ao recordar-me por quantos carceres tenho passado, nem eu sei dizer! Com esta vida de encarcerado, tenho feito uma existencia errante de exilado que não tem sido melhor, porque a dôr do exilio é a peor das dores que pôdem affligir a nossa alma. Durante um anno, expatriado, vagabundeei pela França, durante dois pela Hespanha. Sofri? Sem duvida. Não ha forças moraes que nos tornem invulneraveis. Somos feitos de uma carne fraca. Sofri a inclemencia, o desconforto, a im-

mundice, a treva, a asfixia d'esses logares de horror para onde nos atram sem attenção pela nossa condição, a nossa educação, a nossa sensibilidade, uma sociedade de costumes medievaes e senhores tão medievaes como ella. No forte de S. Miguel e no calabouço dos Marujos, um degredado velou as minhas noites de febre. Por degredados fui guardado, isto é, conheci com a injustiça a humilhação e a dôr aguda dos vencidos. Se ha calvarios, subi-os—de rastos. N'esse forte de S. Miguel, que ainda hoje para a minha imaginação é um espantinho, um official, se este nome lhe pôde dar, tratou-me com mais arrogancia e dureza do que ao peor dos malfetores, e outro houve que tendo-me dado por companheiros quatro ladrões, me quiz prender as mãos com algemas. Não ha duvida—soffri. O meu corpo andou em bolandas. Na minha alma desencadearam-se tempestades capazes de a fazerem sossobrar.

Pois bem! Tudo isso,—carceres immundos, prisões remotas, tormentosas clausuras, carcereiros impiedosos, dolorosos exilos, inclemencias physicas e inclemencias moraes, tudo isto se apaga na minha memoria, sob a impressão dos dezeseis dias que acabo de passar nos Paulistas—e eu vou dizer porque. Nunca fui tão humanamente, tão bondosamente, quasi tão affectuosamente tratado como o fui n'essa casa. Nunca soffri tanto como ali soffri. De todas as prisões tenho sahido sem vestígios da sua oppressão—alegre, impetuoso, venturoso. Dos Paulistas sahi acompanhado pela sombra d'essa melancholia que persegue o homem que alguma vez—julgo que ia morrer, e eu julguei-o. Ah! Não imaginem que o julguei com pavor! A ideia da morte entristece-me profundamente e foi essa tristeza que eu senti,—tristeza que não me abandonou, desde que para lá entrei até que de lá sahi. Essa ideia nunca me tinha apparecido no meio dos conflictos em que me envolvi. Appareceu-me ali, com uma tão grande logica que me resignei a acceita-la, e to do aquelle que um dia acceitou a ideia de morrer não recupera a alegria da vida.

Houve um homem em Portugal que lançou a ideia perturbadora da morte em almas puras de todo o crime.

Esse homem foi João Franco e não me inspira odio:—inspira-me horror. Não é um homem: é o Homem: o homem primitivo, o homem sumario, o homem inimigo do homem—*homo homini lupus*.

João Chagas.

(do litro—1908).

ECOS DA SEMANA

Lá por fóra

Depois da Persia, lutando com as armas na mão pela liberdade e sabendo pelos mais illustres dos seus filhos heroicamente morrer em defeza do Direito, a Turquia dá-nos tambem esse espectáculo forte e vivificador, das lutas liberaes contra a tirania. Uma indomável corrente de Independencia agita os velhos paizes patriarcalmente conformistas, hontem a Persia, hoje a Turquia e amanhã talvez a India imensa—revoltam-se; querem viver. Dentro em dez annos, que de mudanças provaveis no xadrez da Europa, e na Asia,

logradouro té agora do Europeu expoliador—que a perde, de todo em todo, e a vê já levantar se para o combater e, talvez, para o dominar. Mas a Turquia o «Homem Doente» o «Muribundo» de Chamberlain!... Vão lá ter fé em diplomatas e em estadistas...

Nenhum se lembra

Na Camara dos Deputados, tratando a questão dos adeantamentos, nenhum ministro da fazenda dos que até agora foram obrigados a elucidar, nenhum d'elles razoavelmente se lembra das condições em que adeantou.

Como estamos no tempo d'aguas termaes, suas excellencias foram ao Letes tomar o banho do esquecimento, e por isso appareceram na camara desmemorados e esquecidos. Que ao paz não suceda o mesmo, o que é para recer nesta nação de esquecidos. Ora, pois, senhores contribuintes não sejam como os ministros.

Projectos de lei

Na Camara dos Deputados apresentou o nosso illustre correligionario, o deputado Afonso Costa, trez projectos de lei de incontestada importancia e de urgente necessidade social.

O primeiro, é a proposta de revogação da «Lei de 13 de fevereiro», a cecelerada e ignominiosa lei assassina. O segundo, é uma proposta de lei de imprensa, substituindo o mzeravel que temos por legislação rasgadamente liberal e garantidora da propriedade e do direito de escrever,—sem menos cabo da função conservadora do estado. O terceiro, e ultimo projecto, é a abolição das ordens relijiozas, o que, alias, não é mais do que uma simples tradição legalista—que os ultimos politicos da monarchia, bem vergonhosamente esqueceram. Qualquer parlamento, por notavel e superior que seja, aproveitando a ideia e as bases das propostas de Afonso Costa faria, alem de obra util, a sua reputação de grandeza. Na Camara dos Deputados Portugueza espera-os, aos projectos, ou a rejeição pura e simples, ou a sonca das commissões. Pois não era, em verdade, contemporização que tirasse saude ao regime, nem os deputados monarchicos envergonhariam o seu lealismo, aproveitando a boa obra republicana. Com o advento do novo rei andaram, por toda a parte, a estafar a aria de uma monarchia democratica figurino sueco ou italiano;—pois ali teem, agora, a ocasião de o realizarem na pratica, fazendo algum bem ao monarcha, a si proprios, e ao paiz.

Rodrigues de Freitas

Segunda-feira, sobre a morte de Rodrigues de Freitas, passaram doze espaçados annos. Inteligencia vasta e penetrante, notavel cultura, austero caratér de honrado homem o morto foi dos mais illustres cidadãos do Portugal moderno e um dos republicanos que mais amaram a sua cauza, e mais a engrandeceram com o seu nome. A sua vida foi uma alta e serena lição de virtudes civicas—nós republicanos lembramos com veneração o homem e o exemplo que nos legou.

Marquês de Pombal

A divida nacional, da perpetuação pela estatua ao grande rei de D. José I teve, no parlamento, um impugnador, o jezuita bacharel dr. Pinheiro Torres.

Não ha necessidade para a qual se não admita defeza, mas denegrir a obra poderosa de Sebastião José ainda se toleraria num Lacordaire, ou Conde de Mun, ou mesmo ainda num Sena Freitas. Mas no benevenuto Pinheiro Torres—é um disparate que só faz rir...

O milho

Não a Camara, mas a administração do concelho, ao fim de estiradas semanas de carestia do milho—houve por bem acordar da catalepsia hab tual para, algo, providenciar.

Assim, a requisição do administrador do concelho, abastecer-se o mercado findo de milho exotico, e se do mal o menor, o que se fez não é bem o que devia fazer-se. A administração do concelho e a Camara, ha muito mais tempo que deviam ter reclamado a introdução de milho, assim como o deveriam vender sem o intermediario comerciante. Ha muito mais tempo, porque assim o exijiam as precizões do consumo; sem intermediarios, antes por venda directa, pois assim barateavam o preço, anda elevado, d'esse produto.

Mas como «é melhor tarde que nunca» e é «melhor mal do que pessimo», contentemo-nos com o que veio,—que é já, de facto, uma melhoria.

O Real enterro

Com os funeraes do Principe Real e D. Carlos evaporaram-se:—vinte e dois contos e duzentos mil reis, que havemos de pagar graciosamente—como bons subditos, que, até, aos seus reis oferecem a dolorosa dos cangalheiros.

Levar a tumba num enterro vinte e dois contos e duzentos!... Agora nos lembra, com esse dinheiro comprava-se 30:000 alqueires de milho... e quantos milhares de estomagos de esfomeados, se enchiam, com tal fartura!... Muito desperdiçam os grandes... para que tenham fome os pequenos.

Interesses municipaes

O cemiterio da villa

Em logar de preconisar a sua mudança muito preferiamos ter de pedir a abolição do cemiterio por inutil, porque é nosso ardente desejo vêr penetrada a espessa couraça do preconceito, que ainda veste o nosso povo, e assistir á implantação do *systema crematorio*. A *cremação*, além de muito mais racional, como facilmente se depreheende e percebe, não só em nada attenta contra o respeito pelos mortos, mas tambem não pôde offender os sentimentos religiosos verdadeiros de quem quer que seja. Quem estas linhas escreve tem uma acendrada necrolatria por um dos seus mortos queridos, não consentiria para elle a mais leve falta de respeito nem seria capaz da menor tibieza na veneração, que lhe dedica, e no emtanto estaria mais satisfeito se podesse guardar as suas cinzas em relicario sagrado. Estamos certos, de que n'um futuro mais ou menos proximo a religião e a piedade se entenderão bem com aquelle *systema*. Por ora é cêdo, tendo de nos contentar com a mudança do cemiterio, se a *má sina*, que nos tem perseguido, nos levantar a *jettatura*.

O assumpto é arido e tetrico, mas que nós releve o leitor os

fastidiosos momentos, que lhe causarmos, pela boa vontade, que tem o auctor, de concorrer para o engrandecimento, aformoseamento e salubrisação da nossa desprotegida terra.

* *

O nosso cemiterio está encravado entre a villa e novo e fabril barro da Estação, estorvando a continuidade das construcções urbanas. E' de facil intuição que, desapparecido aquelle obstaculo e tendo em attenção a enorme *febre* de edificações, em poucos annos a ligação se faria.

E' agora a occasião de rasgar uma avenida sufficientemente larga para comportar duas fileiras de arvores e não constranger a grande circulação de vehiculos e peões, que por ella se ha-de fazer. Estamos *fartos* de constricções por essas ruas fóra contra todos os preceitos hygienicos, da commodidade e mesmo do simples bom senso.

Não passemos sem dizer, que consideramos um *erro crasso* o aforamento dos terrenos adjacentes á rua da Graça, que a deixou angustiada e insufficiente para o grande e forçado transito por ella feito.

Mas voltemos ao cemiterio. Poderá parecer de ruim economia o abandono de uma obra, que custou dinheiro, e, o que mais seria, para dar origem a nova despeza em obra da mesma natureza. Para nós é razão sufficiente a ligação da villa com a Estação por meio de arterias largas, mas ha mais.

O cemiterio *precisa* de ser abandonado pelas seguintes razões:

- 1.ª—porque está muito central, attenta a expansão que a villa tem tomado e tende a tomar para o seu lado;
- 2.ª—porque *parte* do seu terreno é necessario para a via publica. (A maior parte do espaço occupado pelo cemiterio dava jardim ou largo bellamente situados);
- 3.ª—porque dentro de breves annos o seu terreno estará *saturado* e não consumirá os cadaveres;
- 4.ª—porque não tem as dimensões legaes para o movimento obituario da freguezia;
- 5.ª—porque, dado o grande incremento populacional, em curto espaço de tempo será insufficiente para os enterramentos ordinarios e *à fortiori* em tempo de epidemia;
- 6.ª—porque não pôde ser ampliado para nenhum dos lados.

Por todas estas razões parece-nos obvio, que se deve proceder desde já á escolha de sitio e construcção de novo cemiterio, e em seguida ao abandono do actual para o effeito de enterramentos e á trasladação no tempo e segundo os preceitos legaes.

Isto afigura-se-nos de justa razão e grande utilidade, sendo absurdo, que a lei a tal se possa oppôr.

Para tranquillisar o espirito escrupulosamente *legalista* do *Jornal d'Ovar* citaremos os artigos do Código Administrativo, pelos quaes a obra impende á camara. Pelo art. 50, n.º 21 é sua attribuição o estabelecimento, ampliação e suppressão dos cemiterios na séde do concelho. Pelo n.º 20 do § 1.º do art. 81 é *despeza obrigatória*, a que se faça com aquelles fins.

Os donos dos predios confinantes ou fronteiricos bem poderão, se houver boa vontade, subsidiar largamente a obra, visto que na

nossa hypothese verão muito mais valorizados os terrenos.

* * *

Resumindo e recapitulando estes tres ultimos artigos sobre administração municipal, resulta o seguinte: que a nossa villa mereçe e precisa;

- 1.º—urgentemente do levantamento da planta;
- 2.º—da marcação na planta de ruas largas e avenidas, que comportem arborização;
- 3.º—que para a abertura de avenidas e ruas se conte com a mudança do cemiterio, cuja situação, além d'outras inconveniencias, tolhe a natural expansão da villa.

Fabio Cunctator.

ARA

AMOR DE NEGRO

Oh! não cuideis, minha gentil senhora Que eu tenha o coração da minha côr; Sou negro, mas sómente a côr d'aurora, Aquece as flôres d'este ardente amôr!

Sou feio, sei, mas seja negro embora, Não penseis que não tenha em mim a flôr Que d'esse olhar celeste se enamora, Olhar que é sol e sol encantador!

Tambem é negra a violeta e entanto Que doce aroma a pobre flôr exhala, Se alguem a colhe em delicado encanto!

E' negra a noite, e a noite o sonho emballa, Negros os olhos que eu adôro tanto... A côr não sente, é o coração que falla.

Alfredo Campos.

NOTICIARIO

Dia a Dia

De regresso de Coimbra, encontra-se entre nós o intelligente academico Anthero Cardoso, nosso amigo e correligionario.

—Por incommodo de saude, chegou de Lisboa o sr. João d'Oliveira Gomes, habil constructor naval.

—Partiu ante-hontem para Sabrosa com destino a Vidago, onde vae fazer uso d'aguas, o sr. Arthur Ferreira da Silva.

—Regressou segunda feira das Pedras Salgadas o sr. dr. Joaquim Soares Pinto, presidente da camara.

—Vindo de Manaos, chegou ha dias a esta villa o sr. José Maria Rodrigues da Silva.

—Está n'esta villa o sr. Augusto Carneiro.

—Partiu ante-hontem para Lisboa a menina Graça dos Santos Lima, uma das mais sympathicas e insinuantes tricanas da nossa terra.

Festividade

Teve o luzimento e a concorrencia usuas a festividade que domingo se effectou na igreja parochial em honra da Virgem do Carmo.

No sermão de manhã, o orador rev. Augusto Ramos, de S. Felix da Marinha, pretendendo fazer do seu discurso um ramo de flores, tirou-lhe grande parte da sua fragancia com o emprego da palavra *dementados* com que classificou os adversarios do catholicismo e que, por sair impiedosamente do pulpito muito mal souo; e o orador de tarde fez um sermão substancioso e burilado que agradou á parte mais ou menos illustrada do auditorio.

Hotel Cerveira

Reabriu effectivamente no preterito domingo na praia do Furadouro o antigo Café e Hotel Cerveira.

O seu proprietario e nosso amigo Silva Cerveira solemnizou a reabertura do seu estabelecimento na presente quadra balnear na forma dos annos anteriores, offerecendo á imprensa um lauto jantar que decorreu no meio do mais franco entusiasmo.

Ao toast levantaram-se varios brindes a S.lva Cerveira e ás prosperidades do seu hotel.

Fizeram-se representar differentes jornaes de Lisboa e Porto e do districto.

Da nossa parte nos associamos áquelles brindes, appetecendo ao amigo Cerveira muitos interesses a par do bom nome que deseja manter de bem servir os seus freguezes com asseio e modicidade de preços.

Fallecimento

Finou-se no dia 22, sepultando-se n'esse mesmo dia á tarde, o innocente Bernardino, filhinho do nosso presado assignante sr. João d'Oliveira Gomes, da Lagoa de S. Miguel.

As nossas condolencias.

Actos e exames

Na Universidade de Coimbra fez no dia 24 acto da 11.ª cadeira (3.º anno de direito,) em que obteve approvação, o nosso amigo Antonio Zagallo dos Santos.

Obteve igualmente approvação no exame de passagem do 3.º anno preparatorio, no lyceu de Aveiro, o nosso patricio Joaquim Maria Carrelhas.

A todos os nossos parabens. Principiam no proximo sabba-do 1 d'agosto, os exames do 2.º grau d'instrucção primaria na escola Conde de Ferreira d'esta villa, os quaes começam pelos das requerentes do sexo feminino.

Os jurs d'estes exames são assim constituidos:

1.º jury (sexo masculino):
Presidente: Dr. Eduardo Silva, professor do lyceu d'Aveiro.

Vogaes: Manoel Moreira da Fonseca, professor de Real (Castello de Paiva), Antonio Teixeira da Silva Vasconcellos, professor de Tiopeço (Arouca).

2.º jury (sexo feminino).
Presidente, o do 1.º jury.

Vogaes: D. Gracinda Augusta Marques dos Santos, professora de Ovar, D. Maria Xavier Proença, professora do Pinheiro da Bemposta.

Os alumnos do concelho de Espinho que quiseram o exame do 2.º grau n'este circulo, foram superiormente auctorizados a prestarem a prova perante o jury que funcçãoará n'esta villa.

Nova firma

Do Porto participa-nos o sr. Eduardo Augusto da Fonseca que tomara conta do estabelecimento de sola e cabedaes, commissões e consignações, que n'aquella praça girava sob a firma de Fonseca & Corrêa, ficando todo o activo e passivo a cargo da nova firma E. A. da Fonseca, cuja séde é na rua do Almada, 260-262.

A este nosso estimado assi-

gnante desejamos muita prosperidade.

Bestialidade

A meia laranja, o vetusto assento do p toresco cazal, de mal com os ebríos e com os brutos, lá está selvatica e brutalmente apeada dos seus encostos de pedra. Urje recompola, e mais ainda é urjentissimo que a Camara, e a Administração do Concelho, se não desleixem na procura do responsavel que, talvez, com um pouco de enerjia e trabalho seja possivel achar. As nossas auto-ridades, tolerantes além do razoavel para com factos identicos, d'esta vez, não esperamos que se não ralem.

Pelo significado da occorrença e para lção que valha, é forçoço que a proeza não encontre, dan-do-lhe ouzio, a tradicional indife-rença...

Festa escolar

Tem logar no proximo domingo a festa escolar promovida pela sympathica Commissão de Beneficencia escolar d'esta villa.

De manhã ha sessão solemne para distribuição de premios ás 11 horas em ponto no theatro e, finda a sessão, um bôdo a 60 creanças.

A entrada no theatro para esta sessão até ás 10 horas e meia é reservada para as pessoas que estejam munidas de bilhetes de camarote, plateia ou balcão para o espectáculo, d'essa hora em diante é franqueada a todo o publico.

A' noite recita por uma *troupe* infantil em beneficio do cofre d'aquella commissão, cujo programma é muito variado.

O espectáculo principia ás 8 e 3 quartos precisas e os bilhetes põem-se á venda na *Havana* *Ovarense* dos sr.ªs Ferreiras.

Promoção

Na ultima ordem do exercito publicada no dia 27 acaba de ser promovido a tenente para servir no ultramar, o alferes Zeferino Camossa Ferraz d'Abreu, nosso sympathico conterraneo e amigo. N'um abraço os nossos parabens.

Contribuições

Foi prorogado até ao dia 31 d'agosto o praso para o pagamento da segunda prestação das contribuições predial e industrial, respeitantes ao anno de 1907.

ARTES & LETRAS

A MEUS FILHOS

Quizera não vos têr, ó meus amores, pedaços da minh'alma sempre afflicta, e essa talvez fosse a maior dita —allivio para a minha e vossas dôres.

Mas tendo-vos, assim, mimosas flôres a quem talvez o vento da desdita que já de longe vem—praga maldita—em breve marchará com seus horrores,

quizera que a ventura vos sorrisse na Vida, embora breve e passageira, e nunca o tórvo Mal vos perseguisse.

Quizera, emfim, que a sorte traiçoira jámais com a sua aza vos ferisse: —Meus filhos, o que eu quero, Deus o queira.

Julho—906

Boanerges.

CABÉLOS

O' torrentes que eu adoro fuljentes cabélos pretos, não me sejaes desafetos, dae-me os afagos que imploro ó bastos cabélos pretos.

Vinde espraiair no meu leito as vossas madeixas sóltas, Vinde esparzil-as revôltas ás ondas, sobre o meu peito. as vossas madeixas soltas.

Vinde afogar nessa trança escura, edemica noite, meus braços, e que os acoite tua cabeça, creança, côr da vorajem da noite...

Quando da insônia adormeço descei, cahí, como um veô, se o coração se esqueceu... se eu mesmo me desconheço... descei, cahí, como um veô...

Tapem-me a luz e os abrólhos da manhã co'a pretidão das tranças,—sol da Ascensão; embora, ao fim os meus olhos cegos deixe a escuridão.

Quero-vos têr como aurora de magnetismo polar, ó cabélos que sois mar, e cordeal que avigora na minha soidão polar!

Quero-vos têr, ó consôlo, na minha esfaimada boca; e após a batalha louca na brancura do teu côlo, molhados da minha beca!

Quero-vos ter, que não visse nada mais—nenhuma vez senão vós,—ó embriaguez... Mas isto é sonho... é doicice... Cabélos da viuêz!

Março de 1908.

Antonio Valente.

CHRONICA AGRICOLA

XI

SÉBES VIVAS

Todos os proprietarios se preocupam justamente com a vedação dos seus predios ou com levantamento d'obstaculos aos ventos dominantes.

Entre nós maior cuidado deve haver n'este assumpto porque além dos prejuizos que a todos os generos de cultura causa o vento dominante que é o norte por vezes de extrema violencia, temos d'attender á necessidade da fixação das areias moveis cujo aproveitamento para a cultura se vae, felizmente accentuando.

Tanto para anteparo contra o vento como para vedação de predios se usam sébes vivas, isto é, vallados de plantas.

Conforme o fim a que se destinam e a natureza do terreno em que teem de vegetar essas plantas, assim varia a qualidade a empregar.

Sem pretender indicar todas as que se prestam a esse fim, vou todavia indicar algumas. Para fixação d'areias temos o *chorão* que vegeta bem n'esses terrenos e até na proximidade do mar. Se, além da fixação d'areias precisamos d'abrigo contra o vento, temos o pinheiro bravo que se tem além d'essa vantagem a do seu rendimento e valor n'um futuro mais ou menos proximo, tem o inconveniente grande da extrema morosidade do seu desenvolvimento sendo portanto pouco aproveitavel quando se desejem resultados immediatos ou pelo menos mais rapidos.

Parece-me conveniente quando se façam essas sementeiras plantar em regos na direcção nascente poente, cannas vulgares.

Apesar do seu pequeno desenvolvimento fazem abrigo n'uma certa faxa de terreno onde portanto o pinheiro se desenvolverá melhor. Esses regos podem ser abertos de 20 em 20 metros ou mais, conforme o grau de exposição do terreno e da sua fixação. O cannavial pôde ser aproveitado até para abrigo de culturas horticolas e com vantagem se empregam para fixar as margens ou mottas dos rios. Tambem nas areias se dá bem o *myoporum ellipticum*, arvore de pequeno porte, linda folhagem, adaptando-se bem á areia mesmo na proximidade do mar e que soffre admiravelmente a pôda annual.

Podando-o portanto a 1m,50 do solo elle encher-se-ha de vergontas por o tronco abaixo formando um bello e lindo abrigo.

Ha tambem o ailantho que lança numerosos rebentões das raizes, servindo portanto para fixar as areias e quando elles sejam em excesso podem aproveitar-se para estacas de vinha. Dá uma linda madeira para car-

pinteria e marcenaria, flexivel, rija, de grande duração e pouco sujeita a rachar. Resiste nos terrenos mais secos, mas não convém tê-los junto de povoações ou logares habitados por o cheiro desagradavel das suas flôres.

Uma outra arvore se dá bem nas areias tendo a vantagem de evitar a entrada d'extranhos nos terrenos cercados. E' a *Acacia commum*. Tem espinhos acerados, numerosos rebentões, presta-se á pôda até aproveitada para segurar os declives. Dá boa madeira e flôres brancas, em cachos, com um perfume extremamente agradável. A madeira é empregada na marcenaria e tem um aspecto bonito.

A piteira que é uma vedação de primeira ordem, não se dá nos nossos terrenos.

O *bratagus oxyacantha* a que chamam vulgarmente *Pilriteiro* é tambem uma arvore muito aproveitavel e dá-se em todos os terrenos mas nos muito tãcos e arenosos o seu desenvolvimento é tão moroso que a torna pouco aconselhavel.

O que já experimentei com bons resultados é o *tojo arnal*. Abre-se um régô da largura d'uma enxada onde se semeia o tojo arnal que, como se sabe, se desenvolve bem nos nossos terrenos.

Quando o tojo começa a copar, poda-se annualmente na largura do régô e na altura em que se pretende deixar a sébe, o que o obriga a lançar novos rebentos e a tornar-se de tal fórma espesso que defende bem a propriedade com elle vedada.

Nas terras frescas e fundas aconselho a cultura do vime que além da vedação é bem remuneradora especialmente depois do desenvolvimento entre nós, da viticultura onde elle é, por assim dizer, indispensavel.

Muitas outras plantas são para isso aproveitadas e nem eu, como disse, pretendi apresentar uma nota de todas as aproveitaveis com vantagens.

Assim não aconselho o uso d'algumas variedades de cactus que a isto se prestam porque são de pouca duração pelo menos entre nós e de facil destruição além de pequeno desenvolvimento que tomam.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, marido, irmãs e cunhados agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua virtuosa esposa, irmã e cunhada D. Maria Eduarda Estevão Aralla e Almeida, e bem assim a todas aquellas que a acompanharam á sua ultima morada, e ainda ás que se dignaram assistir á missa do setimo dia, protestando a todas a sua eterna gratidão.

D. Maria Rita Estevão Aralla.

D. Maria Adelaide Estevão Aralla e Chaves.

Dr. José Nogueira Dias d'Almeida

Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves

João Nogueira Dias d'Almeida

Carreira de Banho

José Pinto Loureiro participa aos seus amigos e ao publico em geral que, desde o dia 3 de agosto em diante, põe na Praça um carro para serviço de banho ao preço de 140 réis cada viagem (ida e volta).

Partida para o Furadouro das 5 para 5 1/2 da manhã.

ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS
DE
ALVES CERQUEIRA

PRAÇA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fouseca Soares
COM

ARMAZEM D'ARROZ

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e mais cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.^a

COM

DEPOSITO

DE
Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a

20 de Novembro.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

	COMBOYOS					TARDE	COMBOYOS					COR.	
	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.		Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.		
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48	2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2	3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—
	Carvalh.ra	6,48	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29	—	—	—	—	—	8,11	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35	—	—	—	—	—	8,18	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16	—	—	—	6,14	—	8,58	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	COMBOYOS					TARDE	COMBOYOS					COR.	
	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.		Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.		Rap.
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39	—	—	—	6,9	—	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43	—	—	—	6,14	—	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54	—	4,15	5,85	6,23	7,25	—	11,4
	Carvalh.ra	5,2	—	7,31	10,21	12,4	—	4,26	5,46	—	7,36	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8	—	4,31	5,51	—	7,41	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13	—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30	2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28
	S. Bento	6,24	7,47	9,2	11,54	1,47	3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	21,26

CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem aumento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

OVAR—Rua das Figueiras

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool, aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tude o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farrai a.

Ovar—Rua da Praça

Vinhos tintos, brancos e geropiga

Directamente recibidos das propriedades do Ill.^{mo} Sr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000\$000

Emitido 320:000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.